

Apresentação – Número 8

A 8ª edição da Revista Eletrônica da ANPHLAC apresenta o dossiê Memória e comemorações: história e historiografia nas Américas. Debruçar-se sobre tais questões no atual momento tem um significado especial, tendo em vista a sequência de efemérides relacionadas à História da América nos anos de 2009 e 2010. São exemplos o bicentenário das Independências, o centenário da Revolução Mexicana e o cinquentenário da Revolução Cubana.

Intelectuais, historiadores e demais profissionais da área das Ciências Humanas são convidados a participar de eventos acadêmicos, a colaborar com publicações em revistas especializadas e na imprensa, e a tomar parte de celebrações oficiais. Trata-se de uma oportunidade de se repensar, à luz das questões contemporâneas, esses momentos do passado, que guardam em comum, entre tantos aspectos, o profundo anseio por transformações, nem sempre fáceis de serem efetivadas.

Esses momentos tiveram repercussões nos campos mais diversos, atingiram distintos setores sociais, iluminaram trajetórias e movimentaram ideias. Levando-se em consideração a importância, bastante salientada no contexto atual, de compreender a América Latina em suas conexões com questões globais, podemos dizer que os processos históricos aqui analisados foram de fundamental importância não só para o continente americano, mas para o mundo.

Esta é, enfim, uma ocasião apropriada para discutirmos sobre esses processos, sobre os significados de suas comemorações e da constituição de memórias em torno deles.

Para tratar do tema das independências, abre o dossiê o artigo de Fabio Muruci dos Santos, intitulado Ricardo Rojas e a construção biográfica de um herói nacional: San Martín, “el santo de la espada”. O autor apresenta uma leitura a respeito da biografia que o intelectual argentino Ricardo Rojas produziu sobre José de San Martín, líder da emancipação na América do Sul. Nela, o líder é comparado a militares que operaram nos cenários bélicos europeu e americano. Neste sentido, Muruci detecta no texto de Rojas uma aproximação entre San Martín e George Washington, de um lado, e entre Napoleão Bonaparte e Simón Bolívar, de outro, evidenciando também os contrastes entre cada dupla de militares. O artigo aponta as razões pelas quais tais homologias e contrastes foram forjados na biografia. Não se trata de um artigo que pretende abarcar primordialmente o processo pelo qual se consumou o fim da dominação colonial, mas realiza uma reflexão sobre as relações entre história e memória da independência por meio da produção biográfica na Argentina da terceira década século XX.

A Revolução Mexicana é tratada por Jorge Eschriqui Vieira Pinto em seu artigo Andrés Molina Enríquez e a importância da reforma agrária no México no início do século XX. O autor aborda as ideias deste intelectual que se dedicou ao tema da exploração fundiária e das relações sociais no campo, no México. De acordo com sua perspectiva, Molina Enríquez foi pouco estudado, sobretudo tendo em vista a relevância de seu pensamento para a formulação do artigo 27 da Constituição de 1917, que abriu possibilidades para a realização de uma reforma agrária de amplo alcance naquele país.

No bloco dedicado à Revolução Cubana, a Revista traz dois artigos. O primeiro, de autoria de Isabel Ibarra Cabrera e Rickley L. Marques, intitula-se Representações do Mariel nos textos e

charges das revistas Bohemia e Revolución y Cultura (1980). Nele, os autores tratam da temática do exílio de cubanos na década de 1980, convencionalmente denominado de fenômeno Mariel. Textos e charges de dois veículos da imprensa cubana compõem o material da análise, que é costurado com discussões sobre temas como a propaganda política do governo revolucionário, a censura e a utilização do humor nos desenhos. O segundo, Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução, de autoria de Ricardo Antonio Souza Mendes, trata de questões conceituais e relativas à política externa. Apresenta o debate sobre o caráter da Revolução Cubana (nacionalismo ou socialismo) e a “política bifurcada” norte-americana (1958 a 1963), que fez conviver durante os primeiros anos da Revolução duas concepções discrepantes em relação à América Latina em geral, e a Cuba, em particular: uma pela qual se atribuía à pobreza a ascensão das esquerdas, e outra, mais ostensiva, segundo a qual o combate ao comunismo teria de ser empreendido frontal e agressivamente.

À seção Dossiê segue a tradução de um artigo de Vincent Bloch, publicado originalmente em 2005 na revista Problèmes d'Amérique Latine. O artigo se intitula Reflexões sobre a dissidência cubana e foi traduzido por Jaime de Almeida e Giliard da Silva Prado. Seu objetivo é analisar as discordâncias políticas que se processaram recentemente (2003) em relação ao governo de Fidel Castro, apresentar as dificuldades de expressão política por parte dos opositores e explorar a hipótese de que, apesar de dissidentes, os opositores foram formados na mesma atmosfera política e cultural do castrismo.

Três resenhas encerram o volume. Laís Olivato, em As dimensões históricas do gênero artístico retrato na consolidação da nação mexicana, comenta o livro de Inmaculada Rodríguez Moya, intitulado El retrato en México: 1781-1867. Héroes, ciudadanos y emperadores para una nueva nación. Waldir José Rampinelli apresenta Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973), de Luiz Alberto Moniz Bandeira, livro que trata do governo da Unidade Popular e do golpe militar no Chile. Por fim, Patrícia Sposito Mechi, com o texto A Contribuição da Arqueologia para os estudos dos estados ditatoriais latino-americanos, expõe o livro Arqueologia da repressão e da resistência - América Latina na era das ditaduras (1960-1980), de autoria de Paulo A. Funari, Andrés Zarankin e José Albertoni Reis.

A realização deste volume contou com a colaboração de membros dos Conselhos Consultivo e Editorial, bem como dos demais integrantes da atual Direção da ANPHLAC. Teve a ajuda generosa de assessores externos e passou pela paciente revisão de Vanessa Spagnul. A todos, os mais sinceros agradecimentos e aos leitores um bom proveito!

Stella Maris Scatena Franco

Professora de História da América da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos.